

QUATRO INTERVENÇÕES PARA UMA PEDAGOGIA QUEER

CÉSAR, Maria Rita de Assis – UFPR – mritacesar@yahoo.com.br

GT-23: Gênero, Sexualidade e Educação

Thomas Beatie, Brendan Teena, Bree Osbourn e Agrado podem ensinar algo ao currículo escolar? Estes quatro personagens reais/fictícios podem algo com currículo do gênero e sexualidade na escola? Thomas Beatie era uma mulher que se transformou em homem e hoje espera um bebê e Brendon Teena era uma garota que se transformava em rapaz diariamente em frente ao espelho e namorava as garotas do Nebraska, e foi assassinado por namorar as garotas e agir como os rapazes. Thomas e Brendon são personagens de um enredo da novela “vida real”, desvendados, o primeiro por um programa de *talkshow* e o segundo, após ganhar as páginas dos jornais em razão do seu assassinato, além de ter sua vida transformada no filme “Meninos não choram”. Já Bree Osbourn e Agrado são personagens da ficção cinematográfica, Bree é a transexual de “Transamérica” e Agrado é a travesti de “Tudo sobre minha mãe”.¹

Porque os/as quatro personagens podem também ser tomados/as como enredo das narrativas curriculares? A resposta não tarda, todo/as são sujeitos que subvertem as expectativas em relação ao sistema sexo/gênero e podem abrir um diálogo para um currículo ou uma pedagogia *queer*. Por que *queer*? Para que possamos viver uma vida não fascista.² (FOUCAULT, 1977) Para que não matem tantas pessoas em virtude da sua orientação sexual, do seu corpo transformado, para que a não haja o extermínio, a violência, a segregação contra aquele/as que subvertem as regras da heterossexualidade compulsória, ou heteronormatividade e que todas/os possamos romper os limites do pensamento e do (des)conhecimento. Por que a escola, o currículo e as práticas escolares? Porque a escola se instalou na história institucional como um lugar de exclusão por ser uma instituição para a produção e reprodução da norma, e nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, já produzindo uma educação sexual normalizadora, higienista e eugenista. (VIDAL, 2002)

A pesquisa que deu origem ao texto foi realizada em 5 escolas municipais e 8 estaduais da cidade de Curitiba, sobre o discurso da sexualidade nas escolas. O objetivo

¹ Os filmes analisados são: “Meninos não choram” de Kimberly Peirce, 1999; “Transamérica” de Duncan Tucker, 2005 e “Tudo sobre minha mãe” de Pedro Almodóvar, de 1999.

² Esse é o mote de um seminário que será organizado na UNICAMP em novembro próximo. O texto foi traduzido do inglês por Wandersom Flor do Nascimento e revisado por Alfredo Veiga-Neto.

desta investigação foi perceber os caminhos percorridos pelo discurso dos/as professores/as sobre a sexualidade na instituição escolar. Foram realizadas 18 entrevistas com professoras das disciplinas de Ciências, Educação Física e outras disciplinas que trabalhavam com a sexualidade na sala de aula, ou ainda, que participavam de projetos sobre sexualidade, como o projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”. Em muitas entrevistas foram constatados aspectos profundamente homofóbicos, marcas reiterativas da exclusão de alunos e alunas gays, lésbicas e transexuais. A partir dos resultados obtidos nessa pesquisa, esse texto se apresenta como um processo de intervenção, ou ainda uma proposta sobre aquilo que podemos aprender com Thomas, Brendon, Bree e Agrado.

Intervenção 1: “o homem grávido” e/ou a espetacularização da alteridade.

O *talkshow* de Oprah Winfrey apresentou com exclusividade a história de Thomas Beatie, o “homem grávido”, segundo o programa. Thomas, de 34 anos, realizou um processo de transgenerificação ao submeter-se a um tratamento hormonal e a retirada cirúrgica dos seios. Mesmo sem ter havido uma cirurgia de transformação genital, o estado americano do Oregon reconhece a troca de sexo e garantiu os direitos da troca da identidade legal de Thomas.³ No *talkshow* Thomas afirmou que havia optado por não retirar os seus órgãos reprodutores por alimentar o desejo de ter filhos. Quanto a isso Thomas afirmou que o desejo de maternidade/paternidade, ou seja, carregar o bebê no ventre, não depende do gênero, ou que este não é um desejo específico feminino. *I see pregnancy a process and it doesn't define who I am. Ironically, being pregnant doesn't make me feel any more female or feminine.*⁴ No contrato realizado entre o casal (Thomas e Nancy) e o *talkshow*, a apresentadora, pôde fazer indagações e mostrar imagens do “antes” e “depois” da transformação de Thomas. Assim surgiram fotos de Beatie “antes”, como rainha da beleza do Havaí. Thomas se casou com Nancy, o casal queria um bebê, e como Nancy é histerectomizada, Thomas

³ Informações obtidas no site:

http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2008/04/04/transsexual_gravido_diz_oprah_que_filha_sera_milagre_-426687200.asp

⁴ Eu vejo a gravidez como um processo e isso não defini quem eu sou. Ironicamente, estar grávido – em inglês há a possibilidade de colocar o verbo na terceira pessoa – não faz com que eu me sinta mais mulher ou mais feminina. Palavras de Thomas durante o programa de tv.

decidiu pela gravidez. Após um périplo de recusas dos médicos o casal optou pela compra do sêmen e a inseminação foi realizada por Nancy. Após uma tentativa fracassada que resultou em gravidez tubária e a perda do bebê e de uma trompa, a segunda tentativa foi bem sucedida, resultando na gravidez de seis meses de uma menina, completamente saudável, como afirmou a médica que acompanha o casal, e participou do programa por teleconferência.

As transgressões da norma heterossexual produzidas por Thomas e Nancy são intervenções importantes, apesar da forma de publicização escolhida por eles, isto é, o *talkshow* de Winfrey, que em certa medida apresentou-os um pouco com a característica de um *freakshow*, ou ainda, como se pode observar no semblante compungido de Ophra, as variedades e diferenças que precisam ser toleradas e principalmente expostas à opinião pública, e opinião aqui significa interferência dos/as espectadores/as do seu programa, um *show* de variedade da vida. Thomas produziu um corpo masculino e uma identidade legal e ao se casar juridicamente com Nancy formou um casal formado por uma mulher e um transgênero. Ao carregar no ventre a filha, fruto de inseminação realizada por Nancy, Thomas afirmou insistentemente que desempenha o papel de pai da menina, interferindo novamente nas regras do “casal normativo”. E uma interferência mais é Nancy fertilizando Thomas com a seringa contendo o sêmen.⁵ O nascimento da menina está marcado para o dia três de julho de 2008.

Intervenção 2: Teena Brandon/Brandon Teena ou os meninos que choram e morrem.

O filme foi escrito e dirigido por Kimberly Peirce após a leitura de uma matéria no jornal novaiorquino *Village Voice* sobre o assassinato de Brandon Teena/Teena Brandon. Brandon um garoto que saiu de sua cidadezinha e foi viver em Falls City/Nebraska, o coração *middle west* norte americano. Ali foi viver outra vida com os garotos rurais e violentos, cometendo pequenos furtos e conquistando o coração das garotas. Entretanto, como ficou explicitado na história contada por Pierce, Brendon

⁵ Os rituais de fertilização entre mulheres lésbicas são bastante comuns, isto é, a ritualização em uma relação sexual entre mulheres, na qual uma introduz a seringa com sêmen na outra, que por sua vez carregará no ventre a criança. Nestes arranjos afetivo-familiares, ambas mulheres serão mães, ou uma terá um papel mais próximo a um papel masculino de pai. É importante ressaltar que os casais homossexuais feminino e masculino produzem diversas formas de maternidade e paternidade em relação aos filhos e filhas biológicos/as e adotivos/as.

(Hilary Swank) é Teena aprisionada e infeliz com num corpo feminino, que não é o “seu corpo” e assim, transforma-o diariamente em um corpo de rapaz, este sim o “seu corpo” ou o corpo que corresponde ao seu desejo. Sem a utilização de recursos cirúrgicos e bioquímicos, Brendon empreende diariamente diante do espelho uma coreografia de gestos estudados e produz com sucesso o corpo que é seu, além de uma identidade masculina que encanta as meninas locais. Brendon e Lana (Chloe Sevigni) se apaixonam um pelo outro. A cumplicidade amorosa e sexual entre Brendon e Lana se desenrola de maneira intensa e a diretora faz do/a espectador/a cúmplice do romance proibido, pois se sabe de antemão que o romance entre “duas garotas” na comunidade rural, violenta e conservadora, não será possível, mas Brendon é um rapaz. A performatividade de Brendon é convincente, assim como também a de Lana, que não se sabe em que ponto da história Lana fica sabendo que Brendon é “uma garota”, ou se Lana sabe desde sempre. Após uma cena de sexo, Lana é sinceramente uma garota feliz e satisfeita, pois está claro que fazer sexo com Brendon é muito melhor do que com os rapazes rudes, amigos de Lana e de sua mãe.

No desenrolar do enredo há a tentativa de desmascarar Brendon, ou devolver-lo a sua “verdadeira” condição. Em uma seqüência de extrema violência Brendon é desnudado e violado pelos amigos de Lana. Agora Brendon/Teena é desmascarado violentando em ritual de restituição do corpo feminino. A pena aplicada é o estupro, aplicada pelos rapazes. Ao final Brendon/Teena é assassinado. Para Lana não importa que Brendon seja “uma garota” ou “um rapaz”, Lana é parte da performatividade produzida, e é assim que ela deseja Brendon. Na narrativa cinematográfica fica claro que para Lana pouco importa o “engano”, ela quer Brendon justamente porque ele/ela é um outro romance e outro desejo, e não os rapazes que a cercam. Todavia, isso é uma impossibilidade, tanto na vida real Brendon/Teena como no filme.

Além do caráter performativo da identidade de Brendon, a intervenção é o destino violento e brutal aplicado. Em uma matéria do jornal Folha de São Paulo, o Grupo Gay da Bahia afirma que o assassinato de homossexuais no Brasil cresceu 30% em 2007 e que no Brasil, um gay, lésbica ou travesti é assassinado a cada três dias, colocando o Brasil na liderança dos assassinatos em razão da sexualidade.⁶ As instituições de ensino, desde a implantação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* em 1997, e mesmo nos inúmeros projetos aplicados desde os anos de 1980, até as iniciativas recentes das

⁶ O jornal Folha de São Paulo apresentou uma matéria com dados recentes sobre a morte de gays, lésbicas e transexuais no Brasil de uma pesquisa realizada pela ONG *Grupo Gay da Bahia*. (matéria de 08/04/2008).

políticas de educação para a sexualidade, gênero e diversidade, promovidas por diversos órgãos públicos federais, ao organizar e implantar tais programas nas escolas, especialmente nos últimos anos vêm tomando a escola como *locus* privilegiado de uma educação para a diversidade sexual.⁷

Intervenções 3 e 4: Bree/Stanley Osbourne, Agrado e tudo sobre seu pai.

Na intervenção 3, ou no filme “Transamérica” uma transexual prestes a realizar uma cirurgia de mudança de sexo descobre que tem um filho adolescente, que órfão da mãe necessita que o pai, recém descoberto pelos agentes sociais, venha retirá-lo de uma penitenciária para jovens infratores e se responsabilize por ele. O filho de 17 anos é fruto de um breve envolvimento de juventude, chamado pelo protagonista de um envolvimento “praticamente lésbico”. Bree é uma transexual que veio realizando um longo tratamento para transformar-se em um corpo feminino, após a longa fase de ingestão de hormônios, resta então fazer a cirurgia. A cirurgia cuidadosamente preparada tanto por Bree como pelo aparato médico-psicológico que a acompanha, tem que ser adiada com a descoberta do filho. Para Bree não há dúvida, ela quer a cirurgia, entretanto, dentro dos procedimentos de saúde, a psicóloga que a acompanha sugere que Bree vá resolver antes a questão com o filho Toby. Há um longo percurso, retratado em forma de “road-movie” pois Bree e o filho irão atravessar os Estados Unidos de carro, de Nova York a Los Angeles, onde Bree mora. A relação entre Bree e Toby se constroem na longa duração da viagem que vai cruzar os Estados Unidos. Em um primeiro momento Bree não quer o filho, mas sente-se responsável pelo garoto. Para Toby, Bree vai levá-lo para Los Angeles para que, depois de se prostituir nas ruas de Nova York, ele realize o sonho de ser ator de filme pornô, o que Bree reprova terminantemente, assim como Toby reprova a transexualidade do Bree. Bree é um transexual, ou uma mulher aprisionada num corpo de homem, que paulatinamente se transforma em uma mulher e também em pai de Toby. Aqui a paternidade é advinda de uma identidade feminina, assim como Thomas Beatie, que com uma identidade masculina carrega no ventre e é também pai.

⁷ É importante ressaltar as iniciativas federais do SECAD (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade), da SPM (Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres), o Programa de Combate à Violência e discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual – Brasil sem Homofobia, entre outros programas, como em Curitiba a ação do *Programa Saúde e Prevenção nas escolas* em parceria com o Grupo Dignidade – Curitiba.

Agrado é travesti eternizada pelo filme de Pedro Almodóvar “Tudo sobre minha mãe”. Em uma cena antológica do filme Agrado diante do público em um teatro de Barcelona e se apresenta com uma *mujer muy autentica*.⁸ Localizando em seu corpo de mulher as partes modificadas – olhos, nariz, peitos, nádegas, a ausência de pêlos, os cabelos tingidos – mostrando cada parte do seu corpo, quantifica-as em termos de decilitros de silicone e o preço pago pelo seu processo de autenticação. Demonstrando a sua forma de autenticidade como resultado de intervenções cirúrgicas que a transformaram em um corpo de mulher. Agrado por meio de vários recursos e intervenções produziu um corpo de mulher, e, diferentemente de Bree, quer manter seu pênis, aspecto que, segundo o personagem, lhe é muito útil no seu trabalho. Ela se tornou autêntica, segundo sua própria fala, em relação ao desejado corpo de mulher, produzindo-se a si mesma. Além de Agrado há outra travesti que é pai de um rapaz, que morre no início do filme e de uma criança que nasce de um relacionamento com uma jovem freira que morre de AIDS. Todavia, a criança será criada pela mãe do outro filho da travesti e por Agrado que também será mãe.

Terroristas do gênero e da sexualidade normativa.

Ao definir-se a si mesma Agrado de intitula uma “terrorista do gênero”. Assim, os/as nossas quatro “personagens-intervenções ‘o/a são, pois subverte a ordem normalizada do gênero, do desejo, da família nuclear, das formas de maternidade e paternidade, cada um ou uma ao seu modo, todavia todos/as subvertendo os pressupostos da heterossexualidade compulsória, sendo terroristas da norma heterossexual. Nesse sentido, terrorista tem um sentido libertador e libertário, com é a personagem Agrado, que nos retira de um centro, ou de uma norma internalizada e naturalizada que é uma ordenação heterossexual do mundo e de uma lógica que contém simplesmente dois gêneros/sexos, o feminino e o masculino.

Nesse ponto outras intervenções são necessárias. Há um conjunto de autores que nos ajudarão a pensar. Em primeiro lugar Michel Foucault, que com o primeiro volume da sua História da Sexualidade – A vontade de Saber (FOUCAULT, 1984) realizou uma longa pesquisa, chamada por ele de genealógica demonstrando os mecanismos de

⁸ Uma importante análise sobre o personagem Agrado pode também ser encontrada em um texto de Sônia Maluf, também presente em Guacira Lopes Louro (LOURO, 2004)

produção da normalidade sexual, e a naturalização de uma razão heterossexual a partir do século XIX. Os leitores que buscavam uma maior compreensão acerca da história do sexo e das práticas sexuais através dos tempos, na tentativa de entenderem o binômio entre a repressão sexual e a liberação do sexo nos anos setenta, se surpreendiam com as teses do autor sobre o conceito de sexualidade como uma criação discursivo-institucional, cuja função seria o controle dos indivíduos e das populações produzindo a normalização dos corpos.

Por meio de uma historiografia muito refinada, este autor demonstrou a criação e o desenvolvimento de uma maquinaria de controle do sexo e das práticas sexuais dos indivíduos, através da definição dos lugares específicos, das falas e das práticas do sexo. Foram demonstradas as demarcações em torno das práticas sexuais, que através de um controle rígido, gerado pelos saberes institucionalizados como a medicina, a psiquiatria, a pedagogia e psicologia, demarcaram os territórios e as subjetividades, entre a legitimidade e a anormalidade.

Em um processo de estabelecimento de fronteiras a sexualidade foi o instrumento de separação. O sexo normatizado, isto é, as práticas heterossexuais, monogâmicas, consolidadas pelo matrimônio e reprodutivas, eram assistidas pelos olhares e ouvidos atentos de médicos e psiquiatras, que podiam até mesmo prescrever mais sexo e a intensificação do prazer. As práticas outras, deveriam ocupar o lugar das margens e também serem esquadrihadas por médicos e terapeutas para produzirem saberes e definirem as configurações destes outros da sexualidade, o homossexual, a histórica, o onanista, entre outros. Desse modo, vemos nascer um conceito de sexualidade, sendo o único que pertence a nossa triste história, como a justa medida de separação entre normalidade e anormalidade. Em se tratando da nossa história ocidental, as práticas de exclusão são inumeráveis e se deram em nome do discurso científico e institucional, como demonstrado por Michel Foucault e outros autores que realizaram pesquisas posteriores.

Partindo já da desnaturalização do sexo proposta no projeto foucaultiano, Judith Butler é uma autora central nessa reflexão, por intervir nos sistemas normativos, analisados alguns deles por Foucault. Ao tomar as *drags* e especialmente o documentário *Paris is Burning*⁹ como objeto de análise e afirmar a sua análise como um tema político fundamental, Butler demonstra o que se pode fazer com um corpo que não

⁹ *Paris is Burning* é um filme documentário de 1990 da diretora Jennie Livingston. O documentário entrevista várias personalidades do universo *drag* de Nova York no final da década de 1980.

é fixo e que além disso, para a autora, “noções contemporâneas de realidade podem ser questionadas e novos modos de realidade instituídos, e (...) que um corpo em transformação que faz de outra maneira, que excede a norma e a reformula nos faz ver que as realidades que criamos e que nos limitava não estão escritas em pedra.” (BUTLER, 2001, p.17). A autora demonstra como *drags*, transexuais e transgêneros ampliam e questionam com seu próprio corpo e desejo os limites do nosso pensamento “vitoriano”, como nos chamou a atenção Michel Foucault na sua primeira História da Sexualidade. Vitorianos porque acreditamos na ficção normalizadora e naturalizamos a norma sobre um mundo dividido em dois sexos que exclusivamente intercambiam o desejo entre si.

Assim, as quatro intervenções, Thomas, Brandon, Bree e Agrado aqui apresentadas são algumas das nossas possibilidades de tencionar as fronteiras de uma “realidade sexual” inventada por meio de discursos e instituições. Isto é, de um gênero que não são apenas dois, masculino e feminino, e de corpos e desejos que correspondem a uma multiplicidade, para a qual a nossa imaginação vitoriana deverá necessariamente ser tomada como muito limitada, pois corpos e desejos não podem ser aprisionados nas cadeias da normalização, sob o risco da exclusão, da violência e da morte. Para Butler o desejo de matar alguém que transgrida a norma do gênero é gerado a partir de um ódio a transgressão da norma do gênero (masculino e feminino), desse modo, viver significa estar dentro desta norma e aqueles/as que não estão não merecem viver. Segundo Butler:

A pessoa que ameaça a outra com violência parte da angustiosa e rígida crença de que o sentido do mundo e o sentido de si mesma será radicalmente socavado se si permitir que um ser como este, incategorizável, possa viver dentro do mundo social. A negação deste corpo através da violência é um intento vão e violento de restabelecer a ordem, de renovar o mundo social baseando-se em um gênero inteligível de rechaçar o desafio de repensar o mundo como algo diferente do natural necessário (BUTLER, 2001, p.19)

Talvez uma definição de gênero já clássica elaborada por Joan Scott possa fornecer algumas pistas para que um mundo ordenado a partir de dois gêneros, masculino e feminino com desejos estabelecidos e estabilizados não possa admitir a existências de indivíduos “incategorizáveis”. Para Scott “(1) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86)

Aqui embora Scott esteja tratando especificamente da definição do gênero como categoria de análise e estabelecendo significados para o conceito, em uma tarefa explicitamente epistemológica, ao tomarmos as definições de Scott a partir do pressuposto foucaultiano sobre as relações de poder, explicitados por ela, pode-se extrair reflexões importantes que corroboram as afirmações de Butler. A partir de ambas as definições, em sendo o gênero o elemento constitutivo das relações sociais e estas estarem completamente imbricadas em relações de poder, e ainda tomando o gênero como a forma primeira de dar significado as estas relações, Scott demonstra a construção de um mundo ordenado primariamente a partir das relações de poder entre os gêneros, que por sua vez são estabelecidos a partir de uma inteligibilidade que toma o corpo sexuado como definição, isto é, o corpo masculino e o corpo feminino. Aqui é importante lembrarmos da desnaturalização da diferença sexual apresentada por Thomas Laqueur que demonstra o momento em que os corpos são concebidos como dois, um masculino e outro feminino, em algum momento do século XVIII. (LAQUER, 1990, p.149) Se o gênero é a forma primária de compreensão das relações, se o gênero apresenta-se ininteligível este precisa ser eliminado dada a incapacidade de compreendê-lo. Como afirma Butler, para que a “ordem do mundo” seja restabelecida, que segundo a própria autora, se dá dentro de uma estrutura binária disjuntiva e assimétrica do masculino/feminino. Para Butler: “(...) essas configurações culturais de confusão de gênero operam como lugares de intervenção, denúncia e deslocamento das reificações. Em outras palavras, a unidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória”. (BUTLER, 2003, p.57)

Sobre gênero, sexualidade, diversidade, escola e a pedagogia *queer*:

Em uma primeira consideração, é importante reconhecer o descompasso entre as políticas sociais e públicas dos últimos anos em relação à diversidade sexual e a escola. Enquanto o governo federal junto aos movimentos sociais prepara a 1ª. Conferência Nacional GLBT¹⁰, reafirmando o programa “Brasil sem Homofobia”¹¹, grande parte das escolas brasileiras permanecem dentro da ordem disciplinar e normativa produzindo

¹⁰ A 1ª. Conferência Nacional GLBT será realizada em Brasília entre os dias 06 e 08 de junho de 2008, convocada pela Comissão Provisória de trabalho do Conselho Nacional de Combate à discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos.

¹¹ “Brasil sem Homofobia” – Programa de Combate à Violência e a Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual, 2004.

fazendo parte da grande máquina normativa de exclusão de gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros. Na pesquisa realizada com as professoras da cidade de Curitiba/PR, é evidente a diferença entre aquelas que formadas para trabalharem com o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, que embora tenha um enfoque ainda recortado na área da saúde sexual e reprodutiva, os cursos de formação já colocam estas/es professoras/es em posições menos homofóbicas, inclusive por conhecerem o programa “Brasil sem Homofobia”. Todavia, a diferença fica restrita aquelas/es professoras/res do projeto, sem que isso tenha qualquer impacto em relação a outras/os professoras/es de uma mesma escola.

Em uma segunda consideração, lembremos que qualquer decisão teórica e epistemológica é também política. Em se tratando de práticas educativas e curriculares para a sexualidade e a diversidade sexual, faz-se importante que uma reflexão sobre as implicações epistemológicas e consequentemente políticas seja realizada, como estabelecidas no item anterior deste texto. Assim, lembremos que foi o dispositivo da sexualidade que instaurou um regime de heterossexualidade compulsória em todos os âmbitos da nossa vida. (BUTLER, 1999).

Se partirmos da necessidade de um confronto com uma percepção hegemônica que rejeita, violenta, mata, ou tolera e ainda coloca a alteridade num “show de variedades bizarras” que toda sociedade pode suportar, e a escola tomada como *locus* para o aprendizado da diversidade sexual podemos partir para análises de algumas questões propostas por Judith Butler (2001, p.20):

Como poderíamos nos encontrar com a diferença que coloca nossas redes de inteligibilidade em questão sem tentar eliminar ou fechar que antemão o desafio que comporta esta diferença? Que poderia significar aprende a viver com a ansiedade desse desafio, sentir que desaparece a segurança da própria ancoragem epistemológica e ontológica, (...)? Isto significa que devemos aprender a viver, e aceitar a destruição e rearticulação do humano em nome de um mundo mais aberto e por último menos violento. (...) A resposta violenta é aquela que sabe que não sabe. Quer apunhalar o que não sabe, eliminar o ameaça com o não saber, aquilo que força a reconsiderar as pressuposições de seu mundo, sua contingência e sua maleabilidade.

Ainda para a autora, a resposta não violenta é poder conviver com o desconhecido, com o outro e em ultima instância lidar com o desconhecimento do humano e de sua vida futura.

A teoria *queer*, partindo de indagações realizadas tanto por Foucault como por Butler, representa um acervo importante de novas “perguntas-respostas”, pois não é

prescritiva, questionando principalmente as condições de possibilidade de um conhecimento (SPARGO, 2007). Ao tratar da teoria *queer*, Guacira Lopes Louro (2004, p.65) diz que: “[...] há limites para o conhecimento: nessa perspectiva, parece importante indagar o que ou quanto um dado grupo suporta conhecer”.

Os limites do discurso do sexo são marcados por sua concepção naturalizada, a-histórica e conseqüentemente imutável. Nessa perspectiva o sexo está confinado a sua percepção biológica, delimitando uma fronteira entre os sujeitos, masculino/feminino, heterossexual/homossexual e normal/anormal. Contra isso um currículo *queer*, com o qual Guacira Lopes Louro vem intervindo por meio de suas indagações e apresentando um *corpus* teórico fundamental sobre a educação. Para Louro (2004, p.65):

Não se trata, propriamente, de incorporar ao currículo (já superpovoado) outro sujeito (o *queer*), mas sim, mais apropriadamente, de pôr em questão a idéia de que se disponha de um corpo de conhecimento mais ou menos seguro que deva ser transmitido, bem como pôr em questão a forma usual de conceber a relação professor-estudante-texto (texto aqui tomado de forma ampliada); trata-se ainda, e fundamentalmente, de questionar sobre as condições que permitem (ou que impedem) o conhecimento, (...) há limites para o conhecimento: nessa perspectiva, parece importante indagar o que ou quanto um dado grupo suporta conhecer.

A partir de Louro e outras autoras, possibilidades teóricas recentes trazem à tona uma discussão sobre os limites das possibilidades de conhecer e o quanto cada sujeito ou grupo suporta (des)conhecer, demonstrando que o sexo, corpo e o próprio gênero são construções culturais, lingüísticas e institucionais geradas no interior das relações de saber-poder-prazer, e sobretudo determinadas pelos limites do pensamento ocidental moderno, que para Foucault tem a sua data de nascimento no final do século XVIII.

Primeiro, um trabalho com a diversidade sexual nas escolas pressupõe um conhecimento das disposições de professoras e professores, que por sua vez deverão adentrar em uma nova lógica do (des)conhecer, e não poderá jamais ser a pergunta formulada ao especialista – *é normal menino beijar menino*. Perguntar pela normalidade é pertencer ao mundo definido e mapeado pelos processos disciplinadores e normalizadores. Segundo, para adentrar em outra lógica, professores e professoras, segundo Deborah Britzman (1999), necessitam produzir uma capacidade para a liberdade. Nesta perspectiva, a sexualidade, educação sexual e a diversidade sexual se referem a práticas de liberdade, na medida em que os limites do nosso pensamento são elididos.

Finalizemos com uma última intervenção que são as elisões de limites de Clarisse Lispector:

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas duas pernas. Sei que somente com duas pernas posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira perna me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem eu precisar me encontrar. (LISPECTOR, 1998, p.12)

Referências Bibliográficas:

BRITZMAN, D. “Curiosidade, sexualidade e currículo” IN: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade**, Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. RJ: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. “La cuestión de la transformación social”. In: BERCK-GERNSHEIM, E.; BUTLER, J.; PUIGVERT, L. **Mujeres y transformaciones sociales**. Barcelona: El Roure, 2001.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. RJ: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. *Preface* In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**. New York: Viking Press, 1977.

LAQUEUR, T. *Making Sex. Body and gender from the greeks to Freud*. Cambridge/Mass.: Harvard University Press, 1992.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, G. L. “Pedagogias da Sexualidade” In.: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MALUF, S. “Corporalidade e desejo: *tudo sobre minha mãe* e o gênero na margem” In: **Revista de Estudos Feministas**. Vol. 1/2, 2002.

SCOTT, J. “Gênero uma categoria útil de análise histórica” In.: **Educação & Realidade**. Vol. 20, n.2. Porto Alegre, 1995.

SPARGO, T. **Foucault y la teoria queer**. Barcelona: Gedisa, 2007.

VIDAL, D. G. “Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930” In: SOUZA, C. P. (org.) **História da Educação**. Processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 1998.